



Domínios da Imagem

ONDE ESTÃO AS MULHERES NA HISTÓRIA? COLEÇÕES DE MUSEUS E A INVISIBILIDADE DAS MULHERES – UM ESTUDO DE CASO

*WHERE ARE THE WOMEN IN HISTORY? MUSEUM COLLECTIONS AND THE
INVISIBILITY OF WOMEN - A CASE STUDY*

Edméia Ribeiro¹
Rúbia Fernandes da Silva²

História das imagens e as construções de gênero
Dezembro de 2024
Vol.18
DOI: 10.5433/2237-9126.2024.v18.50912

Submissão:
26/06/2024
Aceite:
26/06/2024 (convidado)



Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a ausência das mulheres em coleções de museus. Apresentamos um estudo de caso utilizando acervos do Museu Histórico de Londrina “Padre Carlos Weiss”, problematizando a invisibilidade da mulher na Coleção Fotográfica de George Craig Smith, salvaguardada no setor de Imagem e Som desta Instituição. Smith liderou a primeira caravana que veio para a região de Londrina, em 1929, antes mesmo da fundação da cidade (ocorrida em 1934) e fez registros visuais sobre a colonização e outros aspectos da região. Dialogando com *estudos da mulher* e os *estudos de gênero*, nesta Coleção analisamos algumas fotografias mostrando contrastes nas representações feitas pelo fotógrafo, no tocante a homens e mulheres. Percebemos que as poucas figuras femininas presentes em suas fotografias não aparecem como protagonistas do processo de desenvolvimento da cidade de Londrina, não são identificadas, além de serem um número consideravelmente menor na totalidade das imagens presentes neste Fundo, pertencente ao Museu Histórico de Londrina.

Palavras-chave: Museu; Mulheres; Invisibilidade Feminina; Coleção Fotográfica George Craig Smith

Abstract: The aim of this article is to reflect on the absence of women in museum collections. We carried out a case study using the collections of the “Padre Carlos Weiss” Historical Museum of Londrina, problematizing the invisibility of women in the Photographic Collection of George Craig Smith, housed in the Image and Sound sector of this institution. Smith led the first caravan to the Londrina region in 1929, even before the city was founded (in 1934) and made visual records of colonization and other aspects of the region. Dialoguing with women's studies and gender studies, in this collection we analyzed 17 photographs showing contrasts in the representations made by the photographer, in terms of men and women. We noticed that the few female figures in his photographs do not figure as protagonists in the development process of the city of Londrina, as well as being a considerably smaller number in the totality of the images present in this Fund, which belongs to the Londrina Historical Museum.

Keywords: Museum; Women; Female Invisibility; George Craig Smith Photographic Collection

INTRODUÇÃO

No século XIX, de acordo com Guacira Lopes Louro (1997), percebemos o início dos movimentos de mulheres contra a opressão feminina. Em seus primórdios temos o *movimento sufragista*, reivindicando o direito ao voto para as mulheres (movimento primordialmente de mulheres brancas e de classe média). Na década de 1960, o feminismo se ocupa das questões sociais e políticas e se volta às questões teóricas. Tem-se o envolvimento de militantes e estudiosas. O

1 Professora Associada do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Desde 2019 está como diretora do Museu Histórico de Londrina “Padre Carlos Weiss”, que se constitui em Órgão Suplementar da Universidade, criado em 18 de setembro de 1970.

2 Formada em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e gestora do Museu da Sociedade Rural do Paraná.



feminismo desta década, efervescente e transformador, entrou no mundo acadêmico, questionando e “contaminando” o fazer intelectual de estudiosas, docentes e pesquisadoras. Surgem, de acordo com Louro, os *estudos da mulher*. O objetivo era tornar visível aquelas que sempre foram invisibilizadas (LOURO, 1997, p. 15-17). Com a entrada no mundo das pesquisadoras acadêmicas, começa a ser concebido e problematizado o conceito de gênero (LOURO, 1997, p. 15).

Os estudos de gênero³, como dito, tributários da História das Mulheres, domínio definido a partir da década de 1960/1970 (SCOTT, 1992), têm ocupado um espaço cada vez mais amplo nas diversas áreas do conhecimento. As formulações iniciais sobre gênero o definiram como uma categoria analítica importante para explicar as diferenças entre homens e mulheres e as relações de poder como construção social (o que incluía raça e classe) e rejeitou as explicações biologizantes que naturalizavam as desigualdades e os papéis destinados à mulher (SCOTT, 2012):

Gênero era sobre mulheres e homens, sobre como os traços atribuídos para cada sexo justificavam os diferentes tratamentos que cada um recebia, como eles naturalizavam o que era fato social, econômico e desigualdades políticas, como eles condensavam variedades da feminilidade e masculinidade em um sistema binário, hierarquicamente arranjado (SCOTT, 2012, p. 333).

O gênero, dessa forma, “tentou explicar a subordinação universal da mulher”, mas suas análises ficaram, a princípio, circunscritas somente ao âmbito das mulheres (PISCITELLI, 2002, p. 15). No final da década de 1980, as feministas começaram a problematizar o processo histórico que levou sexo e natureza a se constituírem como elementos fixos nos estudos de gênero. Nas décadas de 1990 e 2000, lembra Adriana Piscitelli, novas leituras sobre gênero começaram a dialogar com concepções relativas às *novas políticas de gênero* movimento de reivindicação de direitos sexuais que defendia os direitos intersexos, transexuais e travestis” (PISCITELLI, 2009, p. 143). Algumas perspectivas sobre gênero ressaltavam as dificuldades colocadas pelas “classificações lineares” impostas pelas categorias “homens” e “mulheres”. A autora destaca a filósofa Judith Butler, para quem esses indivíduos não se localizam necessariamente nessa tríade coerente “sexo, gênero, desejo”. Na atualidade, considerando as formulações de Butler, os estudos de gênero não ficaram mais restritos às discussões pertinentes a mulheres e homens, masculino e feminino (PISCITELLI, 2009, p. 143-144).⁴

Em visitas a museus históricos e, em especial, ao tomar contato com o Museu Histórico de Londrina, por meio de seus acervos, coleções e exposição de longa duração, e pautadas nas reflexões sobre a *História das Mulheres* e *Estudos de Gênero*, chamou-nos a atenção a ausência das mulheres. Ocorreu um estranhamento quando nos atentamos para a Exposição Histórica e para os Acervos do Museu Histórico de Londrina. Tais estranhamentos nos levaram a questionamentos: afinal, onde estão as mulheres? E qual a parte delas na história relatada e preservada por esta Instituição?

3 Para conhecer de forma mais aprofundada o desenvolvimento do conceito de gênero, suas principais linhas teóricas e as tensões presentes no âmbito deste debate, ver: (SCOTT, 1986; LOURO, 1997; FRANCO, 2015; PISCITELLI, 2002).

4 De acordo com Adriana Piscitelli, “essas reelaborações mostram que as normas de gênero não estabelecem um consenso absoluto na vida social [mas, sim,] ampliam a ideia de humano, abrindo o espaço da compreensão, da inteligibilidade e da dignidade também para todos/as os/as “diferentes” em termos de gênero e sexualidade” (2009, p. 146).



Detectamos que poucos eram os registros sobre as mulheres trazidos por meio dos documentos e das entrevistas. Observamos que, no acervo de objetos tridimensionais, elas estavam mais presentes, como nas coleções de objetos da casa, da cozinha, vestuário e referentes a algumas profissões. Nas coleções de documentos, periódicos e fotografias quase não encontramos doações feitas por mulheres⁵. Compreendemos que não se trata de ausência somente neste Museu. De acordo com estudiosas do tema (SOMBRIO; QUEIROZ, 2028), a origem de museus e coleções museológicas segue a tradição hegemônica de representação, de uma narrativa que ressalta a memória dos vencedores e dos heróis, ou seja, “do homem e do universo masculino” – assim como foi a escrita da história, por um longo tempo.⁶

A discussão sobre gênero e cultura revela a importância de abordar esses temas no contexto cultural, evidenciando que as categorias “mulher” e “homem” são construções sociais. Segundo Audebert (2016), essas construções devem ser diferenciadas tanto no plano histórico quanto no cultural, reconhecendo particularidades e peculiaridades de cada cultura ou grupo cultural no espaço e no tempo. Essa perspectiva sublinha a necessidade de uma análise crítica que leve em conta as variações culturais e temporais na compreensão de gênero.

Nesse seguimento, Silveira (2017) aponta os museus como ambientes que desempenham um papel crucial na formação de conhecimento e na sensibilização da sociedade. Sendo ambientes formativos, os museus tornam-se espaços importantes no ensino de História, revelando as múltiplas identidades presentes nas comunidades, instigando a reflexão, o pensamento crítico e a definição da cultura histórica, funcionando como locais de cultura política. À vista disso, Audebert (2016) destaca que o espaço museal desempenha um papel crucial nas relações de poder ao preservar referências culturais, operando em uma esfera altamente influente, a simbólica. Essa esfera simbólica reforça convenções socialmente aceitas, exercendo um impacto significativo na modelagem das identidades individuais e coletivas, incluindo as de gênero. Dessa forma, os museus podem servir como espaços ritualizadores e reprodutores de um sistema hegemônico, onde os grupos que os organizam buscam se perpetuar, tornando-os locais de disputas de narrativas e memórias.

A capacidade de os museus e suas coleções atuarem como instâncias de legitimação de poderes, discursos e identidades exige uma análise crítica que questione a equidade dos documentos e objetos que referenciem a história e a memória das mulheres (AUDEBERT, 2016). No que tange às documentações referentes às mulheres, Perrot (1989 apud AUDEBERT, 2016, p. 248) denuncia a sistemática exclusão das mulheres na história, evidenciando o silenciamento feminino em diversos aspectos. Essa negação da memória, tanto no nível individual quanto no social, é institucional e se manifesta nos critérios de organização de arquivos, culminando na escassez de produção e visibilidade em torno da temática feminina.

Para problematizar essa questão da invisibilidade das mulheres nos espaços e acervos museais, elegemos um fundo documental salvaguardado no Museu Histórico de Londrina, qual

5 As coleções organizadas nas três categorias de acervos do Museu Histórico são intituladas com o nome dos doadores dos materiais.

6 Essa perspectiva tem sofrido mudanças, pois percebe-se uma presença mais significativa das mulheres nos museus e nas coleções, por meio de “atividades pontuais, isoladas ou engajadas, mas quase sempre advindas de iniciativas de pesquisadores, ativistas ou técnicos que atuam no campo museal” (SOMBRIO, QUEIROZ, 2018, p. 11).



seja, a Coleção Fotográfica de George Craig Smith, que registrou aspectos da (re)ocupação⁷ e do crescimento da cidade de Londrina, no Paraná, desde o final da década de 1920.

O SURGIMENTO DA CIDADE DE LONDRINA E AS FOTOGRAFIAS DE GEORGE CRAIG SMITH: ONDE ESTÃO AS MULHERES?

O processo de (re)ocupação das terras da Região Norte do Paraná se deu por meio da aquisição de lotes de terras pela empresa Paraná Plantation Syndicate, com sede em Londres. Para realizar o processo de loteamento das terras da Região Norte do Estado, a empresa contava com sua subsidiária, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que fazia as vendas das terras da região. Londrina foi fundada em 1929, elevada a município em 10 de dezembro de 1934, e tornou-se o local de passagem obrigatório para os que buscavam adquirir terras (ARIAS NETO, 2008).

Para implementação de políticas favoráveis à livre colonização, o Estado permitiu que iniciativas privadas tivessem papel relevante no processo de povoamento da região. A partir da década de 1930, a CTNP investiu em propagandas impressas e fílmicas associando as terras loteadas à imagem da “Terra da Promissão”, o “Eldorado”. As vendas eram realizadas por meio de folhetos propagandísticos, publicados em jornais, com o objetivo de atrair imigrantes internacionais e nacionais para a região. Os folhetos possuíam um discurso que visava a valorização das terras a partir da sua fertilidade e da promessa de prosperidade (CASTRO, 2003). Neste sentido, a companhia, por meio de diversos recursos imagéticos, proporcionava ao imigrante o ímpeto colonizador e, a partir dos registros e das concepções que lhes eram empregadas, fomentava ideias que permitiam ao imigrante tornar-se parte do processo formador de uma civilização com destino para o futuro.

Uma denominação que marcou fortemente a história da cidade de Londrina é a de pioneiro. Ela carrega a ideia de homens destemidos, desbravadores, colonizadores. De acordo com Castro (1994):

Nesta sociedade construída por homens – “pioneiros” – a aventura, a coragem, o espírito bandeirante, identificados aos “gestos audaciosos de comprar terras, de derrubar florestas, e de plantar extensas lavouras”, nortearão a produção da memória e foram imprescindíveis para a construção dos discursos sobre o “progresso”. (p. 17-18).

No Museu Histórico de Londrina encontramos, nos acervos, a materialização deste conceito, pois, ao analisarmos as coleções e os fundos dos acervos, notamos a invisibilidade das mulheres. Na representação do “pioneiro bandeirante”, forte e corajoso, as – consideradas

⁷ Utilizamos o termo (re)ocupação pois as terras da Região Norte do Paraná, muito antes da chegada dos imigrantes colonizadores, já eram ocupadas por nativos indígenas das etnias Xetá, Guarani e Kaingang.



socialmente – fragilidade e docilidade das mulheres não se adequavam. Mesmo elas tendo vindo para a Região Norte do Paraná com seus maridos e filhos, mesmo tendo elas trabalhado tanto “nas roças” quanto no ambiente doméstico, elas foram alijadas da memória e da história da colonização deste espaço (SILVA, 2016).

A partir da década de 1930, foram produzidos os primeiros documentos iconográficos responsáveis pelos registros da formação da Região Norte do Estado do Paraná. Esta documentação surgiu em decorrência das ações tomadas pelos integrantes das primeiras caravanas de desbravadores que chegaram à região, a exemplo da primeira, liderada por George Craig Smith, que chegou em Londrina em 21 de agosto de 1929. No decorrer dos anos de trabalho que realizou para a CTNP, George Craig Smith⁸, em específico nas décadas de 1930 e 1940, registrou derrubadas das matas, as primeiras moradias, a construção de ferrovias, plantios e colheitas, enfatizando a fertilidade da terra. De acordo com Paulo Boni,

Quando já tinha o que mostrar do lugar: a exuberância das matas, a excelência das madeiras (enormes árvores de peroba, figueira branca, pau d’alho e outras), a qualidade de terra roxa, casas, hotel, serviços de infraestrutura, passou a utilizar fotografias em suas publicidades. Uma das mais importantes estratégias publicitárias era preparar álbuns de fotografias e distribuí-los para os corretores de terras, que viajavam por diversos estados e impressionavam os potenciais compradores com as fotografias que mostravam. (BONI, 2007, p. 12).

Toda a produção imagética de George Craig Smith encontra-se salvaguardada no Museu Histórico “Padre Carlos Weiss”⁹. As imagens registradas por ele foram doadas para esta Instituição no ano de 1978, pelo próprio autor. Esse Fundo, que se encontra no acervo Imagem e Som, é constituído por 1.835 fotografias, 820 negativos e 521 diapositivos. No processo de organização do Fundo, as fotografias foram divididas em quatro categorias, quais sejam: Viagens; Amigos; Família; e Colonização.

Com o intuito de refletir sobre presença e ausência das mulheres no processo de (re) ocupação do Norte do Paraná, e a forma como são representadas nas fotografias em que aparecem, escolhemos analisar as imagens referentes à categoria *colonização*. Questionando

8 Nasceu em 15 de abril de 1909, na cidade de São Paulo, filho de Alfred Smith e Jane Craig Smith, ambos descendentes ingleses. Em 1925, foi contratado pela Brazil Plantations Syndicate para trabalhar na fazenda de Cayuá (também chamada de Santa Emília), região de Cambará, Paraná, onde exerceu várias funções. Permaneceu trabalhando no escritório da CTNP até o final de 1928, quando foi cumprir serviço militar em São Paulo (BATISTA, 2002).

9 O Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss” iniciou suas atividades em 1970, nos porões do Colégio Hugo Simas, por iniciativa de professores(as) e estudantes do Curso de História. No ano de 1974 transformou-se em Órgão Suplementar da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e, em 1986, passou a ocupar o prédio da antiga Estação Ferroviária da cidade. Esta Instituição desenvolve ações para salvaguarda do patrimônio histórico, subsidia atividades acadêmicas, serve como campo de estágio para cursos de diversas áreas do conhecimento, assim como, além do ensino, configura-se em espaço de pesquisa, extensão, fruição e ação cultural. No tocante à pesquisa, constitui-se no maior espaço de salvaguarda de acervos referentes à história de Londrina e região. A documentação é dividida em três categorias de acervo, quais sejam: Tridimensional; Documentos e Periódicos; e Imagem e Som. Da multiplicidade de documentos orais, escritos, imagéticos e objetos tridimensionais, destaca-se o setor audiovisual, onde estão acervadas as produções dos maiores fotógrafos que registraram o surgimento e o crescimento da cidade, por meio de suas lentes. Entre eles, George Craig Smith.

sobre a presença das mulheres neste período, procurando a existência dos registros de suas narrativas, da participação feminina e suas experiências no processo de formação inicial da cidade de Londrina, entre as décadas de 1930 e 1940, percebemos indivíduos invisibilizados, silenciados, e a ausência de memórias... que as impediram de se fazer presentes na história da (re)ocupação de Londrina¹⁰.

É importante ressaltar a categoria *colonização* está dividida em duas subcategorias: a primeira, intitulada “Colonização”, possui um acervo iconográfico com 82 fotografias em P&B. A segunda subcategoria, intitulada “*Brazil Plantation Syndicate*”, é formada por 89 fotografias, também em P&B.

AUSÊNCIA, INVISIBILIDADE E REPRESENTAÇÃO: AS MULHERES NOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS DE GEORGE CRAIG SMITH

As fotografias analisadas neste artigo trazem vestígios da formação de uma sociedade, pois foram a partir das lentes utilizadas por Smith que se tornou possível capturar as experiências vivenciadas pelos colonos no processo de formação da cidade de Londrina. Os registros fotográficos produzidos por ele capturaram as transformações físicas da cidade no decorrer dos primeiros anos do processo de reocupação das terras¹¹. Temas como derrubada das matas, abertura de estradas e construção das primeiras moradias são recorrentes. Entretanto, para além das transformações físicas da cidade, o fotógrafo registrou, também, o social, os imigrantes que se aventuraram neste processo de (re)ocupação da Região Norte do Estado. As temáticas que envolvem o cotidiano das pessoas, como trabalho, caça, pesca e atividades de lazer, também estão presentes nos registros do fotógrafo, mas as mulheres pouco figuraram em seus retratos.

Em termos quantitativos, somando o acervo iconográfico das duas subcategorias analíticas, *Colonização* e *Brazil Plantation Syndicate*, totalizam-se 171 fotografias em P&B. Todavia, apenas 17 fotografias demonstram mulheres. A quantidade limitada de registros femininos em comparação aos registros masculinos, denota a diferença entre os sexos em termos quantitativos, e as representações femininas, nas fotografias, invisibilizaram as mulheres e sua atuação no processo de formação da cidade de Londrina¹².

10 Trabalhamos com o conceito de memória e a passagem da memória para a história, de Pierre Nora (1993).

11 Os autores que basearam a análise das fotografias neste artigo foram: Boris Kossoy (2002), Richard Gonçalves André (2014), Paulo Boni (2007), Ana Maria Mauad (2004) e Peter Burke (2004).

12 Embora identificadas 17 fotografias que figuram mulheres, na coleção Smith, neste artigo priorizamos um número menor, para evitar repetições na análise.



Fotografia 1 – Derrubada da mata



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.146, s.d.

A Fotografia 1 foi produzida nas imediações de Londrina, sendo que o registro não possui datação. Nela encontram-se, em primeiro plano, galhos cortados; em segundo plano, uma árvore caída na horizontal, com quatro indivíduos não identificados em torno da árvore; e, em terceiro plano, ao fundo, mata fechada. A imagem foi selecionada porque representa a captura das transformações físicas que ocorreram na região.¹³ A Fotografia 1, composta somente por homens, carrega uma narrativa construída por Craig Smith. A árvore, em segundo plano, caída na horizontal, contendo ao redor quatro indivíduos posicionados de forma descontraída, remetem ao observador a concepção de uma natureza vencida. A vitória é constatada, pois os homens estão posicionados sobre as raízes da árvore, evidenciando grandiosidade, desbravamento e colonização. Desta forma, uma vez representadas a magnitude e a grandeza da floresta da região, os indícios visuais produzidos pelo fotógrafo aludem à grandiosidade dos feitos dos homens para “domar” esta natureza. A floresta, ao fundo, abre possibilidades para novas interpretações. A mata pode representar, aos olhos dos possíveis compradores dos lotes de terra, uma nova área para desbravar, para dominar, ou seja, uma nova oportunidade para crescimento.

¹³ Os registros fotográficos que não possuem datação, entende-se que foram produzidos dentro do tempo que o fotógrafo, Craig Smith, prestou serviços para a CTNP, no decorrer de 1929 a 1940. As imagens, por estarem catalogadas no acervo do MHL e subdividas em categorias, compreende-se que foram produzidas na região do Patrimônio Três Bocas, atual cidade de Londrina.

Fotografia 2 – Visita do interventor Manoel Ribas



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.27014, 1932.

A Fotografia 2 foi produzida em frente ao Hotel Luxemburgo, localizado em Londrina e inaugurado em 1932. Nela estão presentes João Sampaio, Arthur Hugh Miller Thomas, Ernest Rosenberg, o interventor Manoel Ribas e um grupo de homens não identificados. A imagem produzida por Smith, diferente da fotografia da Figura 1, não possui planos de divisão. O autor, ao centralizar o interventor Manoel Ribas, intencionava chamar a atenção para o sujeito e sua visita às terras de Londrina. Esta imagem torna-se importante, dentro da categoria escolhida, pois estão presentes alguns funcionários da CTNP e, isto posto, pode-se considerar que o fotógrafo estava realizando um trabalho de grande importância para a Companhia de Terras ao fazer o registro. Entretanto, não encontramos, na imagem, a presença de mulheres. Esta ausência feminina na fotografia corrobora as reflexões propostas por Perrot (2007): se não existe evidência documental que registre a presença das mulheres nos grandes feitos referentes ao processo de formação da cidade, também se torna problemática a participação na escrita desta história.

Fotografia 3 – Pessoas não identificadas ao redor de um carro



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.27458, s.d.

Na Fotografia 3 sobressaem, em primeiro plano, alguns ramos de flores, dando dimensão do tipo de natureza onde pessoas e carros se encontram. Em segundo plano, um grupo de pessoas ao redor de um automóvel; e em terceiro, a mata fechada. Esta fotografia traz a presença da mulher em meio a natureza – que estava sendo dominada pelos homens que vieram (re)ocupar as terras do Norte do Paraná. Nota-se uma mala amarrada atrás do carro, e pessoas que o observam...”, inclusive a mulher. O que podemos compreender é que estão ali de passagem. Não se trata de fotografia tal qual as outras, com presença de homens posicionados para a foto e, muitas vezes, em cima de toras, mostrando a mata dominada. Nesta ninguém faz pose; a foto é tomada sem montagem, registrando pessoas distraídas. Não apresenta grandiosidade e potência.

Fotografia 4 – Colonos próximos ao milharal na região do Patrimônio Três Bocas



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.27442, s.d.

A Fotografia 4 apresenta outras características da colonização. Nela veem-se colonos. Embora posada, o registro mostra pessoas trabalhadoras humildes – inclusive na forma de se posicionar na foto – com vestes modestas. Contraste com as roupas utilizadas pelos funcionários da CTNP – calça, camisa, terno e gravata –, além de portarem-se altivos. Dois aspectos chamam a atenção para esta fotografia: a estrutura social a que pertencem e a separação entre homens e mulheres. Percebe-se que tanto os homens quanto as mulheres envolvem-se com o trabalho, mas o destaque não é a colonização. Trata-se mais da sobrevivência... E cuidar da sobrevivência é algo que se espera também da mulher. É sabido que homens e mulheres trabalharam muito na agricultura, mas elas pouco aparecem nos relatos e poucos registros fotográficos dessa população sem poder aquisitivo. A fotografia não está referenciada, não é possível saber quem são essas pessoas, quais seus nomes.

A partir da análise da Coleção George Craig Smith, presente no Museu Histórico “Padre Carlos Weiss”, observa-se uma clara preferência do fotógrafo em registrar e nomear autoridades e imigrantes colonizadores, em detrimento de mulheres e colonos. As fotografias são acompanhadas de informações que identificam pessoas apenas quando se trata de figuras de destaque, como autoridades ou pioneiros, enquanto mulheres e colonos comuns não recebem a mesma atenção ou referência nominal. Esse padrão de registro sugere um viés significativo na documentação, refletindo e perpetuando as hierarquias sociais e de gênero da época. A omissão de mulheres e colonos nas legendas das fotografias não só marginaliza suas contribuições; também molda uma narrativa histórica que privilegia certas figuras, deixando de lado a diversidade de experiências e papéis na construção da comunidade.

Fotografia 5 – Família Kemkamp e, na extrema esquerda, Barão Arnold Pedro Paulo Drachenfelds



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.26838, s.d.



Ao contrário da Fotografia 4, na 5 as pessoas mostram mais altivez, vestes melhores e mais limpas e elementos que denotam posse: cavalos selados, o que significa meio de transporte; rancho de madeira¹⁴, o que revela que certamente são os donos da terra. A fotografia foi produzida no Distrito de Heimtal (região de Londrina) e as pessoas foram identificadas por George Craig Smith: da esquerda para a direita, vê-se o Barão Arnold Pedro Paulo Drachenfelds e, ao seu lado, a família Kempamp.

Drachenfelds exercia a função de vendedor de terras para a CTNP. Como representante da companhia, estava diretamente envolvido na promoção e comercialização das terras para novos colonos. A presença da família Kempamp ao lado do Barão sugere uma ligação entre os colonos e a CTNP, pois a construção do rancho evidencia o empenho da companhia em criar estruturas que facilitassem a instalação de novos colonos na região. Nessa Fotografia 5, as mulheres aparecem integradas, na mesma posição que os homens, marcando a presença no cotidiano familiar da colonização.

Fotografia 6 – Eugênio Larionoff montado no seu cavalo baio “Desafio”



EUGÊNIO LARIONOFF, MONTANDO SEU
CAVALO BAIO "DESAFIO", SE EMBRENHA
NO "MUNDO VERDE QUE LONDRINA PER-
DEU" - ANO DE 1930.

Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.27412 - Frente, 1930.
Ao lado, informações presentes no verso da foto.

A Fotografia 6 foi produzida em Londrina no ano de 1930. A imagem contém iluminação no centro, local onde se forma uma clareira em que Eugênio Larionoff está posicionado, em cima do seu cavalo, nomeado como “Desafio”. Ao fundo, vê-se a mata fechada, composta por árvores altas. Essa foto traz, em seu verso, a identificação do homem, o local e o ano em que a fotografia foi produzida. Nesse sentido, as clareiras que foram abertas são descritas, pelo

14 O rancho em madeira foi construído pela Companhia de Terras Norte do Paraná.

fotógrafo, como “o mundo verde que Londrina perdeu”. A perda, descrita pelo fotógrafo, sintetiza os anos de derrubada da mata, o trabalho que os “colonizadores” empenhara, sem preocupação com a preservação daquela natureza.¹⁵

Fotografia 7 – Mulher não identificada colhendo café



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.27425, s.d.

A Fotografia 7, como outras acima, aborda o cotidiano dos trabalhadores, mas, desta vez, é a mulher que está no registro. A Região Norte do Paraná foi uma das maiores produtoras de café do Brasil e seu desenvolvimento inicial se deveu a ele. Logo, a agricultura fez parte do cotidiano de homens e mulheres que vieram para este espaço. A imagem simboliza parte do cotidiano de muitos imigrantes que trabalharam arduamente nas lavouras de café. Embora os relatos de famílias versem sobre a presença da mulher, ao lado do marido, no cultivo do café, as fotografias de Smith pouco registraram o trabalho delas. A Fotografia 7 não identifica a mulher que colhe o café. A ausência de identificação de nome, data e local denota despreocupação, por parte do fotógrafo, em documentar os feitos da mulher. O trabalho encontra-se registrado, ou seja, a colheita de café foi registrada; porém, a mulher que realizou o ato da colheita não foi

¹⁵ Rosimeire Aparecida Angelini de Castro, ao tratar do processo de (re)ocupação de Londrina, argumenta que os colonizadores abriram enormes clareiras em meia floresta, sem qualquer preocupação em preservar a mata nativa. A obra, concebida como pitoresca e civilizadora, foi eternizada com figuras de homens posando para o fotógrafo ao lado de árvores de troncos gigantescos estendidos ao chão, quase sempre entre as picadas abertas. Registram, em um primeiro plano, a celebração aos melhoramentos dos ingleses, com suas roupas típicas de conquistadores, seus arsenais e instrumentos de trabalho e a mata ao fundo, ainda intacta, que não só no plano de imagem, mas também no da realidade, ficaria cada vez mais distante e rarefeita. Eternizaram as toras caídas e as picadas abertas, expostas como troféus pelos ingleses e seus funcionários (CASTRO, 2003, p. 74).

identificada. Nesta imagem, como nas outras em que figuram mulheres, registra-se a presença, mas não há preocupação em deixar informações que possam contribuir com a identificação e a preservação da memória delas. Uma vez que não aparecem informações específicas, como as circunstâncias nas quais foram produzidas, nome, atividade, deixando que a imagem “fale por si” – ao contrário daquelas que registram homens da CTNP, autoridades ou famílias de imigrantes colonizadores –, a mulher é invisibilizada e subtrai-se a importância delas no processo de formação da região e, conseqüentemente, da sua própria história. Michelle Perrot, sobre as imagens que representam mulheres, observa que, produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre os sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representadas, ao invés de serem descritas ou contadas... mais uma razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas... (2007, p. 17).

Fotografia 8 – Dr. Kurt Peter Muller e enfermeira no Hospital da CTNP no Patrimônio Três Bocas



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.27435, s.d.

Ao abordar temas como o trabalho desempenhado no processo de formação da cidade, a Fotografia 8 traz, novamente, a invisibilidade da mulher no processo de formação da cidade. Nela, veem-se registrados o antigo Hospital da CTNP e o médico Kurt Peter Muller¹⁶ e, conforme a descrição da fotografia, uma enfermeira – que não está identificada – e alguns pacientes, também não identificados.

Como foi abordado anteriormente, a despreocupação em nomear as mulheres que estão presentes nas fotografias é constante, quando se trata da coleção em questão; assim, confirma-se a invisibilidade da mulher nos registros. Mesmo sendo representada, sua identificação não é feita. Em contraponto, o médico contratado pela CTNP foi identificado, assim como nas outras fotografias, já abordadas, que apresentam os homens exercendo funções ativas na sociedade. Representar as mulheres como coadjuvantes e não como sujeitos que tiveram

¹⁶ O médico Kurt Peter Muller prestou atendimento médico e hospitalar para a CTNP em 1931, e dirigiu o hospital até 1935 (CASTRO, 2003, p. 78).

funções importantes na formação da sociedade também é uma característica que corrobora a ocultação dos papéis desempenhados por estas mulheres. A Fotografia 8 identifica a mulher pela sua função, enfermeira, sem nome e como auxiliar do médico, este sim nominado.

Fotografia 9 – Homem, mulher e criança em frente a uma casa de madeira em meio à mata



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.26668, s.d.

As Fotografias 9 e 10, assim como as outras feitas por Smith, de forma intrínseca carregam a invisibilidade feminina. Na Fotografia 9, o autor não fez identificação. A fotografia apresenta, em primeiro plano, o terreno da casa; em segundo plano, a casa de madeira; e em terceiro plano, a mata fechada. No alpendre da casa e localizada ao centro da imagem, vê-se uma família formada por três integrantes, todos posicionados de forma descontraída. As pessoas da foto não foram identificadas.

Fotografia 10 – George Craig Smith, Boy Cunningham e amigos à margem do Rio Tibagi em Jatahy



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Londrina, Coleção George Craig Smith, foto n.26638, s.d.

A Fotografia 10 apresenta uma atividade de lazer. Foi capturada às margens do Rio Tibagi e, dentre os integrantes da fotografia, está o próprio fotógrafo – posicionado à esquerda da imagem – ao lado dos amigos. Como abordado anteriormente, o autor sempre identificava as figuras masculinas. Quem é a mulher da foto? Novamente, ela tem rosto, mas não tem nome...

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Voltamos ao objeto deste estudo: onde estão as mulheres nas coleções museais? Segundo Audebert (2016), a documentação sobre as mulheres e os objetos musealizados geralmente se restringe às atividades domésticas e maternas, servindo para desenhar a personalidade de gênero de maneira individualista e hierarquizada. Essas práticas revelam uma tendência persistente de marginalização das mulheres na construção e preservação da memória histórica. A organização dos arquivos e a seleção dos objetos nos museus refletem e perpetuam estruturas sociais patriarcais, negligenciando as complexas e multifacetadas experiências das mulheres.

Neste caso específico, escolhemos uma coleção de fotografias que registrou o processo de colonização da Região Norte do Paraná, em específico da cidade de Londrina, cujas mulheres estiveram presentes, mas invisibilizadas nas imagens. Tomando a Coleção George Craig Smith, presente no Museu Histórico de Londrina, percebemos que o fotógrafo foi responsável por capturar as transformações físicas e sociais da cidade. Desta forma, ao registrar os

acontecimentos no processo de reocupação das terras, o fotógrafo pode contribuir com as representações que a CTNP desejava disseminar a partir das suas propagandas, além de registrar as vivências da população que se formava. No decorrer das análises das fotografias, observou-se uma diferenciação entre os sexos masculino e feminino, sendo essa diferença presente em termos quantitativos e representativos. Em se tratando de quantidade, as duas subcategorias selecionadas apresentam um total de 171 fotografias, mas apenas 17 imagens contêm a presença de mulheres. Esta quantia limitada em relação aos registros femininos simboliza uma despreocupação em registrar as mulheres. Todavia, referindo-se ao sexo masculino, há uma abundância nos registros – e não somente nos registros dos homens, mas com tudo o que está vinculado à sua memória. Tal ponto pode ser verificado na Fotografia 6, em que se percebe uma preocupação em identificar tanto o homem que está montado a cavalo, quanto o cavalo que compõe parte da História daquele homem.

Para além das diferenças quantitativas, percebe-se diferença, também, nas formas de representação de homens e de mulheres. As Fotografias 7, 8, 9 e 10 são figuradas por mulheres; entretanto, percebe-se sua invisibilidade ao não constar identificação, especificação das funções e dos papéis que exerciam na sociedade. Ou seja, as fotografias, por não apresentarem informações circunstanciais ou precisas sobre estas mulheres, não lhes atribuem a devida importância.

A coleção de George Craig Smith contribuiu para a análise das representações que foram construídas sobre a CTNP e sobre as mulheres no processo de formação da cidade. Entretanto, para além das representações, a Coleção não destacou a presença das mulheres nesse processo formador. A invisibilidade das mulheres, segundo Perrot (2007), ocorre devido à destruição dos vestígios que possibilitam a escrita da sua história. Logo, para a autora, no decorrer da escrita da história da mulher, há um silenciamento, uma ocultação dos documentos, das fontes e das experiências das mulheres; esta ocultação é responsável pela ausência da mulher e sua existência concreta na escrita da História. Desta forma, os poucos registros de mulheres, na Coleção Fotográfica de George Craig Smith, apresentam-se quantitativamente – pois, entre as duas subcategorias analisadas, das 171 fotografias que as compõem apenas 17 fotografias possuem a presença feminina – e qualitativamente, considerando que não foram identificadas. As diferenças de gênero estão evidenciadas de diversas formas dentro desta Coleção: poucas fotografias nas quais figuram mulheres e falta de identificação delas, sejam de qualquer categoria social. Também estão invisibilizadas no próprio conceito de pioneiro, que qualifica os imigrantes que vieram para a região, mas exclui a participação e a presença das mulheres nesse processo de (re)ocupação – e que está materializada nas Coleções e Fundos presentes nos acervos do Museu Histórico “Padre Carlos Weiss”.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Richard Gonçalves. *O paraíso entre luzes e sombras: representações de natureza em fontes fotográficas*. Londrina: EDUEL, 2014.



ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)*. Londrina: EDUEL, 2008.

AUDEBERT, Ana. Museologia, gênero e feminismos: sobre mulheres, coleções e museus. *Anais do XXIV Encontro Anual do ICOFOM LAM*. Musealidade e patrimônio na teoria museológica latino-americana e do Caribe. ICOFOM LAM – Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe. Ouro Preto, 2016, p. 231-265.

BONI, Paulo César. A fotografia como mídia visual da recuperação histórica de Londrina. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia- (on-line)*. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-20071/A%20fotografia%20como%20midia%20visual%20da%20recuperacao%20historica%20de%20Londrina.pdf>>.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. *O cotidiano e a cidade: práticas, papéis e representações femininas em Londrina (1930-1960)*. 1994. 329f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994.

CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini de. *Ecos da memória: uma contribuição à história da vida cotidiana das mulheres do Paraná (1930/1975)*. 2003. 333f. Tese (Doutorado em História) – PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo. 2003.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015, p. 36-51.

KOSSOY, Boris. *Construção e desmontagem do signo fotográfico*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 14-36.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PERROT, Michelle. *História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116-149.



SCOTT, Joan Wallace. A Invisibilidade da Experiência. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, n. 16, p. 297-325, fev.1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica? In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-96.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. As mulheres pioneiras no Memorial do Pioneiro: inscrições e relações de gênero no espaço urbano de Londrina – PR. In *Patrimônio e Memória*. São Paulo: Unesp, v. 12, n.1, p. 92-121, janeiro-junho, 2016.

SILVEIRA, Andréa Reis da. Interfaces entre o Museu, o ensino da História, a História das Mulheres e a História do Tempo Presente. In: *Anais Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis, p.1-16, 2017.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; QUEIROZ, Marijara Souza. Dossiê Estudos de Gênero e Museologia. In: *Museologia & Interdisciplinaridade*. Vol. 7, n. 13, 2018, p. 1-4.

